Subjetividade, fim de milênio: Com que roupa?*

*Tânia Maia Barcelos***

Resumo

Este artigo tem por objetivo provocar algumas reflexões sobre a nossa subjetividade neste fim de milênio. Diante dos movimentos do samba do mundo contemporâneo, temos experimentado inquietações e instabilidades diversas. Isso nos faz buscar estratégias para sobreviver aos desafios colocados e, ao mesmo tempo, leva-nos a inventar novas roupagens e novas possibilidades de existência.

Abstract

This article aims at discussing some aspects of our subjectivity at the end of this millennium. It is argued that the movements of the contemporary world of "samba," on the one hand, provide us with anxieties and different sorts of instabilities, which make us search for strategies to deal with the several challenges that life presents us. On the other hand, at the same time, these very moviments lead us to invent new "costumes" and possibilities of existence.

Agora vou mudar minha conduta
Eu vou prá luta,
Pois eu quero me aprumar.
Vou tratar você com força bruta,
Pra poder me reabilitar,
Pois esta vida não está sopa
E eu pergunto: com que roupa?"[1]

---

* Este texto foi apresentado na Mesa Redonda - Educação dos sentidos: Música e subjetividade, no *Simpósio Cultura e Fim de Milênio* promovido pelo NIESC e baseia-se na dissertação de mestrado: *Com que roupa eu vou pro samba?*, defendida em novembro de 1999.

** Professora do Curso de Pedagogia do Campus de Catalão/UFG, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

[1] Estrofe do samba *Com que roupa?*, de Noel Rosa, gravado em 1930.

São muitos os desconfortos vividos na pele que levam a subjetividade a perguntar: Com que roupa ir ao samba que o mundo contemporâneo nos convida a dançar?

A pergunta provoca movimentos diversos no corpo, traduzidos em buscas/tentativas de lidar com o problema que incomoda, não só o corpo, mas sobretudo o pensamento.

A problematização sobre o que anda acontecendo com nossos modos de agir, pensar, sentir e existir, surge como um dos caminhos possíveis; uma das formas de fazer o pensamento comprometer-se com as inquietações experimentadas.

Nessa experimentação, várias perguntas vão sendo disparadas: Que samba é esse que estamos sendo forçados a dançar? Quais estratégias a subjetividade está utilizando para enfrentá-lo?

O que se sabe de antemão é que esse samba tem provocado mal-estar e desassossegos diversos; tem deixado a gente mole, cansado, triste, amedrontado e sem roupa. Ele nos pega de calças curtas. Não nos sentimos mais 'em casa' e nem nos reconhecemos mais.

As mudanças acontecem de uma hora para outra, com tanta rapidez, que não temos tempo para acompanhá-las. É como se estivéssemos sendo invadidos em nossa própria pele/casa.

Podemos chamar esse samba de samba da desterritorialização[2] - uma dança que faz a subjetividade viver movimentos diferentes dos que estava acostumada a viver, devido à intensidade e à rapidez com que acontecem. Tais movimentos, difíceis de serem acompanhados, forçam a subjetividade a experimentar, com freqüência, novidades sem o tempo necessário para digerilas. Isso a deixa 'perdida' e sem saber o que fazer.

Como exemplo de movimentos do samba contemporâneo, podemos citar a globalização e as virtualizações, que produzem, de forma diferente de outros tempos, transformações diversas, não só no plano econômico e político, mas também no espaço, no tempo, no corpo, na inteligência e nos afetos.

A globalização tem forçado a subjetividade a lidar com uma série de misturas; misturas de alimentos, roupas, músicas, idéias, crenças e modos de existências, provenientes de vários cantos do mundo - oriental, americano, europeu, africano, asiático - abalando as formas de existir vigentes, deixando-as instáveis diante de tanta variedade.

[2]O conceito de desterritorialização utilizado por Deleuze e Guattari, refere-se aos movimentos em que os territórios 'originais', relativos tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido, no seio do qual um sujeito se 'sente em casa' desfazem-se ininterruptamente.

As virtualizações, tão freqüentes na atualidade, também forçam a subjetividade a provar um outro jeito de se viver o real: "uma quase presença,"(Levy,1996) 'um é, mas não é,' um certo desprendimento do aqui e agora. Com isso, os modos atuais de existência são desestabilizados e lançados a um campo problemático – o virtual. O atual, campo das formas e das soluções, passa a ser incomodado e colocado em xeque pelo virtual. A virtualização, passagem do atual (solução dada) para o virtual (problema), leva a subjetividade a encontrar consistência num campo problemático.

O contemporâneo expõe a subjetividade a uma multiplicidade de movimentos, mundos e novidades, e, ao fazer isto, a desloca de seu eixo habitual – de ter um rumo definido, traçado *a priori*, estável e constante. E, como sabemos, por experiência própria, sem esse eixo, a subjetividade fica sem chão e com uma sensação de estranhamento, pois perde os referenciais que até então a deixava em casa, e perde sua identidade, o Eu, enfim, aquilo que acreditava garantir a sua consistência e sua estabilidade.

O contemporâneo treme nossos contornos e desmancha as imagens que temos de nós mesmos. Por isso, é que esses movimentos foram chamados de samba da desterritorialização, por eles desfazerem os territórios subjetivos ininterruptamente.

A pergunta 'com que roupa?' vem das sensações terríveis dessa subjetividade ver-se desmanchando e, ao mesmo tempo, da vontade de inventar novas formas de existir. De mudar de alma. Mas ir prá luta de que jeito?

Abrindo o guarda-roupa e enfrentando um outro problema – o da escolha do traje para vestir a subjetividade. Como escolher diante da oferta infinita do mercado ou do leque de possibilidades que ele apresenta?

O mercado oferece de tudo – videntes, terapias orientais, drogas, manuais, religiões, danças, mudanças corporais, contatos extra terrestres etc. No momento delicado em que vivemos, atravessados pelas desilusões com os projetos sociais, pelas promessas mágicas de fim de milênio e desacreditados das ações coletivas, não é fácil optar. É difícil também não se deixar capturar pelas idéias sedutoras do mercado, especialmente, aquelas que apostam na subjetividade, numa perspectiva individualista e subjetivista.

É impressionante a quantidade de propostas de mudanças para a subjetividade, disponíveis nas prateleiras das livrarias. Há uma oferta infinita, oferecendo-nos saídas para tentar eliminar o mal-estar.

Duas delas ficam mais evidentes nas vitrines - a literatura de auto-ajuda e a inteligência emocional -, por estarem sendo muito procuradas ultimamente, segundo relato de alguns vendedores.

As propostas da auto-ajuda sugerem: acreditar em si mesmo, usar a mente a favor da mudança pessoal, responsabilizar-se pela direção da vida, mudar por dentro, fazer afirmações positivas - de preferência, diante de um

espelho, afastar-se dos problemas desagradáveis, controlar o pensamento, amar a si próprio. Um dos autores da área afirma que "não tem nada de errado com o mundo em si. O caso não é mudar o Brasil, nem a sociedade. Você é que tem que mudar."(Ribeiro, 1992)

Tais propostas podem ser consideradas estratégias políticas invisíveis e moleculares no campo da subjetividade, que indiquem caminhos de mudança; caminhos que busquem soluções internas e façam as pessoas acreditarem que se elas mudarem por dentro, o mundo também mudará. São formas de conversão ao individualismo contemporâneo.(Rüdiguer, 1996)

Investir nessa política é complicado, pois, ao apostar no resgate do Eu e da identidade, imaginados perdidos, a subjetividade tenta também neutralizar os efeitos das desterritorializações, que tanto a perturbam e a contorcem, atualmente. Ao tentar manter viva a representação de uma figura de sujeito idêntica a si mesma, tal política continua não percebendo que o controle de si é uma estratégia, que escapa por entre os dedos e que é ilusória a crença num idêntico a si mesmo. Investir nessa política, portanto, é, como diz Nietzsche, insistir na 'forma homem' que não tolera os movimentos, que adoece, se fecha e se entristece diante do samba da vida. Essa forma rígida, difícil de envergar e quiçá de transbordar, aprisiona a vida, quando gruda em um Eu que trava a capacidade de invenção de novas possibilidades de existência.

Neste sentido, a política da auto-ajuda pode ser compreendida como uma espécie de armadilha na contramão do samba da desterritorialização. Ela investe em uma direção, que, 'teoricamente' gostaria de livrar-se (a forma vigente da subjetividade) e aposta na repetição e na manutenção da mesma.

A outra proposta que também sugere mudanças à subjetividade é a inteligência emocional, cuja promessa é levar inteligência às emoções e possibilitar mais atenção à competência emocional.

Essa política insiste em que o coração e a razão entrem em harmonia e que as pessoas aprendam a gerenciar suas emoções, a controlar os impulsos, a adiar a satisfação, a impedir que a aflição invada a capacidade de pensar e controlar as emoções perturbadoras.

Está em jogo nessa política um tipo de relação da sensibilidade com o pensamento – uma relação de captura do sensível. A proposta leva a entender que o mal-estar presente, hoje, na subjetividade, na instabilidade, está relacionado com a falta de adequação das emoções. As pessoas não foram educadas para lidar com seus afetos de forma competente, nem para expressar bem suas emoções. Por isso, o que se tem a fazer é reaprendê-los da melhor forma possível - aprender a lidar melhor com a agressividade, com a raiva, com o amor, com a frustração etc.

Essa política também gera alguns incômodos. Um deles é o risco de simplificar a questão da mudança da subjetividade, quando afirma que o mal-

estar emocional, vivido hoje, pode ser solucionado mediante o reaprendizado das emoções. O outro incômodo é o risco que essa política corre de investir na direção oposta do samba da desterritorialização.

O momento atual exige mais que o reaprendizado das emoções, ou a repetição e a reprodução dos mesmos modos de sentir. O que o contemporâneo exige é que sejam problematizadas as formas de sentir, de pensar e de existir para que a criação emerja. É preciso apostar na invenção de novas possibilidades sensíveis. O caminho do reaprendizado das emoções pode "solucionar" alguns problemas da subjetividade, como se comportar de uma maneira mais adequada diante de algumas situações, mas não ataca, talvez, o problema maior - o de sua reinvenção. É como diz Fernando Pessoa: "baldado / esforço o teu se queres sentir-te outras coisas sem sentires de outra maneira, e sentires de outra maneira sem mudares de alma (...) o único modo de haver coisas novas, de sentir coisas novas é haver novidade no senti-las."(Pessoa, 1996)

Diante da dificuldade de se 'ajustar' às propostas do mercado, pode-se concluir que não existe traje ou roupa alguma a ser descoberta, mas a ser inventada, a ser criada, forjada. Não existem receitas prontas para vestir e mudar a subjetividade. O que se tem é um longo e árduo trabalho a ser feito no invisível de sua produção. Um enfrentamento sem fuga e, de uma certa maneira, sem ilusões de que o samba a que fomos convidados nos pouparia de nos tornar outros.

Não temos outra saída, a não ser aprender a rebolar 'na marra'; aprender a transitar com mais serenidade neste samba tão difícil de acompanhar. Ou seja, aprender a conviver com as misturas diversificadas e adquirir mais tranqüilidade para experimentar as desterritorializações. Talvez pudéssemos aproveitar melhor a onda das virtualizações para ficar de olho na invisibilidade virtual, que inquieta, problematiza e obriga a subjetividade a colocar novos atuais (soluções dadas aos problemas colocados pelo virtual) para funcionar. Talvez pudéssemos, também, aprender com as práticas das misturas e ver que os encontros não são indigestos necessariamente. Eles podem ser potentes. Mas não vale qualquer tipo de mistura e de encontro. Misturar de qualquer jeito não vale. Atenção: Os encontros são bons quando aumentam a potência de agir e dão alegria e são maus quando a diminuem, tornam-se indigestos e provocam tristeza. A esse respeito, Deleuze também dá outra dica importante: "É preciso afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação."(Deleuze & Parnet, 1998)

O convívio da subjetividade brasileira com as misturas diversas, ao longo do tempo, indica que ela tem experiência nesse campo, pois teve que adquirir, 'na marra,' jogo de cintura para misturar e com isso, conquistou liberdade de improvisação, aprendeu a compor territórios e aceitar o efêmero

como condição de sua existência.[3] Essas estratégias talvez sejam interessantes diante do samba contemporâneo.

O samba, produção rítmico-melódica brasileira também pode nos dar algumas dicas de como fazer um bom encontro com as misturas. A sensibilidade brasileira produziu um 'encontrão' - possibilidade etimológica do samba - ao criar o ritmo.

O samba é desdobramento dos encontros espontâneos e lúdicos; é resultante dos diferentes tipos de misturas, ritmos e melodias. Ele é inventivo. Soube criar uma alternativa rítmico - melódica que modificou, alterou e desestabilizou os ritmos convencionais. Ou seja, o samba criou uma marcação diferente, que convoca o corpo a participar de uma forma muito viva, alegre e íntima. O corpo é convidado a compor com o ritmo.

A malandragem do samba talvez venha daí, da alegria da criação, da capacidade de deixar-se afetar por um grande número de coisas e tornar potente para agir. Talvez, também seja por isso que o ritmo acolhe tão bem as improvisações, o bom humor e a habilidade para dar um 'tom' mais leve para os problemas da vida.

Isso fica claro em Noel Rosa[4]. Com irreverência, bom humor e uma sensibilidade aguçada, o compositor criou versos que levaram os ouvidos a uma escuta diferente. Noel jogou com os afetos(Naffah), deu-lhes sentidos outros e experimentou, via música, possibilidades sonoras e afetivas, tais como lidar com o imprevisto, manter o bom humor diante da vida, ser potente para agir, saber fazer bons encontros com as dores e criar novidades no sentir.

Do encontro com o samba, pode-se arriscar a pensar numa possível composição da subjetividade com este. Compor com os devires que o perpassam. Sim, pois o samba é atravessado por devires, por possibilidades de vir a ser. Isso pode ser percebido na sua história visível, nas letras, no ritmo e nas diferentes maneiras de tocá-lo e de dançá-lo.

Os devires podem levar a subjetividade a desgrudar-se da raiz, daquilo que a mantém presa à experiência da repetição. Os devires podem levá-la a extrair partículas 'entre' aquilo que está dado e aquilo que está por vir. Por jogarem a subjetividade num 'vir a ser', não formatado, não dado *a priori*, eles criam brechas virtuais ou intervalos na subjetividade - territórios indefinidos, nem lá, nem cá. Os devires levam a subjetividade a fixar-se no movimento, num lugar-meio, mestiço, que a lança a novas aprendizagens, à exposição ao outro e às estranhezas.(Serres, 1993) Isso facilita o trânsito e a passagem para

---

[3]Esta idéia, de Suely Rolnik, foi desenvolvida nos seus diversos artigos e livros sobre a subjetividade brasileira e a antropofagia.

[4]Noel Rosa é considerado um dos maiores compositores da música brasileira. Nasceu em 1910, em um bairro do Rio de Janeiro, e morreu em 1973. Viveu 27 anos e durante sua curta vida produziu mais de 200 músicas.

o inesperado, para o imprevisível. A subjetividade é arrastada para o aprendizado de mover entre as coisas, de proliferar e não se fechar, não endurecer e não perder a vitalidade.

O que os devires provocam na subjetividade tem tudo a ver com o lugar 'sem lugar' que o contemporâneo nos faz habitar.

O samba música nos ensina um pouco sobre isso, quando mostra sua malandragem para transitar 'entre' e atrair os devires; quando acolhe a diversidade, experimenta diferentes possibilidades e torna-se potente para agir; quando fabrica afetos novos e ouve as forças sonoras do tempo e arranca delas novos personagens.

A subjetividade, contaminado-se dessas estratégias, criaria zonas de *vizinhança com o samba*. Tatearia esse campo e comporia com ele. O resultado dessa contaminação seria a alegria transbordante que vem da criação e da movimentação do corpo. Um corpo aberto às vibrações. Uma subjetividade criadora de novas figuras, acolhedora de diferentes possibilidades rítmicas, viva, astuta e produtora de bons encontros.

Para isso, é preciso inventar, experimentar, tatear no invisível, pois não se sabe *a priori*, o resultado da experimentação. Nesse processo, tanto o sujeito quanto o mundo se refazem. A invenção não passa pela exclusividade de uma prática pensada racionalmente. Ela é vivida por tateio, por sensibilidade, no avesso das formas.

Isso quer dizer que a roupa a ser inventada deve passar, também, por uma experimentação no avesso, pois o avesso tem o seu charme. Ele tem a ver com o invisível das formas e das aparências, coisas tão apreciadas no contemporâneo. Tem a ver com o virtual, campo da problemática, que força o atual a criar novas soluções.

Viver, na pele, o desassossego de tornar-se outro, não é fácil. É correr risco. Não tem faz de conta, nem ensaios e, talvez, nem final feliz. Mas quem sabe essa seja a dor ou a *delícia de exis*tir no final do milênio.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

LEVY,Pierry. *O que é o virtual?*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

NAFFAH, Alfredo. *Figuras poéticas de subjetividade amorosa – o amor malandro cantado por Noel Rosa.*

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. V.1,Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996

RIBEIRO, LAIR. *O sucesso não ocorre por acaso*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 34.ª ed. 1992.

RÜDIGUER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996.

SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.